



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

SUPER 8 / 2011

(Super 8)

Um filme de J. J. ABRAMS

Argumento: J. J. Abrams / **Diretor de fotografia (cor):** Larry Fong / **Cenários:** Martin Whist / **Guarda-roupa:** Ha Nguyen / **Música:** Michael Giacchino / **Montagem:** Maryann Brandon, Mary Jo Markey / **Som:** Ben Burt / **Interpretação:** Joel Courtney (Joe Lamb), Riley Griffiths (Charles Kaznyk), Elle Fanning (Alice Dainard), Ryen Lee (Cary), Kyle Chandler (o pai de Joe Lamb), Ron Eldard (o pai de Alice Dainard), Noah Emmerich (o Coroel Nelec), Jessica Tuck (a mãe de Charles Kaznyk).

Produção: Paramount Pictures / **Cópia:** 35 mm, cor, da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, versão original com legendas em português / **Duração:** 102 minutos



Um filme começa pelo seu título e este, em geral, dá algumas indicações sobre o que vamos ver. O Super 8 era (e ainda é, pois ainda há quem o utilize) um formato de película reduzido, que, antes da invenção do vídeo e das câmaras digitais, era usado pelas famílias, para registar os acontecimentos das suas vidas e também por aqueles que queriam fazer pequenos filmes amadores, em casa. É preciso lembrar que a imagem gravada em película

não pode ser vista de imediato, como a imagem digital. Quando se trabalhava em película, uma vez feitas as filmagens, era preciso mandar *revelar* a película num laboratório, antes de se poder ver o resultado. E, para isso, era preciso esperar alguns dias, como se vê num trecho de **Super 8**. A história passa-se no Verão de 1979, quando a película em Super 8 não era uma antiguidade e o vídeo ainda não tinha sido massificado, o que só ocorreria em meados dos anos 80.

Este filme foi realizado por J.J. Abrams, (**Missão Impossível 3**, **Star Wars**, **o Despertar da Força**) e produzido por Steven Spielberg, um dos mais célebres realizadores do cinema americano (**Tubarão**, **E.T. – O Extraterrestre**, **Parque Jurássico**, entre muitos outros). A narração retoma um tema que estava muito na moda no cinema americano quando o próprio Spielberg tinha cerca de doze anos, nos finais dos anos 50 do século XX: uma pequena cidade americana é ameaçada por uma força misteriosa, vinda de “outro mundo” ou outro planeta. Tudo começa subitamente, de maneira inexplicada e há várias mortes, sem que se possa enfrentar ou mesmo ver o misterioso inimigo. O perigo vai crescendo, com ataques cada vez mais mortíferos, antes que os cidadãos comuns consigam vencê-lo. Às vezes, mas nem sempre, estes simples cidadãos são ajudados pela polícia e as forças armadas. É exatamente o que se passa aqui. Numa pequena cidade americana, um grupo de amigos pré-adolescentes está a fazer um filme em Super-8, quando assiste a uma inesperada catástrofe, que terá sérias consequências.

A principal diferença entre **Super 8** e aqueles filmes dos anos 1950 é que aqui as razões da catástrofe não são totalmente explicadas, assim como aquilo que motiva o exército a agir da maneira como age. Mas, no filme, fica extremamente clara a diferença entre os adultos e os pré-adolescentes: são os segundos que realmente percebem o que se passa e encontram uma solução pacífica, nem militar nem policial, para o problema. E quando este grande problema é solucionado, os outros também se resolvem e os adversários reconciliam-se (caso dos pais de Joe Lamb e Alice Dainard), de modo a que tudo acabe em bem. O filme também tem pitadas de humor, pois todas as cenas em que os pré-adolescentes rodam o pequeno filme deles se assemelham, em pequena escala, às rodagens dos filmes “de verdade”: cada membro da equipa tem funções específicas e Alice foi convidada para o papel principal porque Charles pensava que isto ajudá-lo-ia a namorá-la. E a dado momento, Charles declara: *“Os efeitos especiais estão bons, mas falta-me o argumento”*. De facto, nenhum filme pode viver só dos efeitos especiais, também precisa de um *argumento*, isto é, uma história bem contada, com começo, meio e fim. Este é exatamente o caso de **Super 8**.